

Plano de Acção de equidade de género da Fundação Mundukide

Índice de matérias

| | | |
|---|----------------------|---|
| 1 | Introdução | 1 |
| 2 | Análise..... | 2 |
| 3 | Plano de Acção | 6 |
| 4 | Recursos | 7 |

1 Introdução

Na Fundação Mundukide temos desenvolvido diversas actividades a favor da equidade de género desde que demos início ao Programa Marrupa no ano 2002. Ao longo destes anos podemos destacar entre outros o diagnóstico de género feito no ano 2007 e a definição duma Política de Género no 2012.

Com o presente documento queremos dar mais um passo, definindo um Plano de Acção para os próximos anos. Este plano de Acção deve ser entendido como um complemento à Política definida no 2012, com uma ligeira mudança de matiz. Se na política o ênfase era dado à compreensão dos condicionantes económicos, tecnológicos, sociais e culturais da condição da mulher e se priorizava a melhora da sua posição negociadora dentro do agregado familiar com acções como assinatura conjunta dos contratos, etc. Neste documento havemos de dar maior importância à mulher como pessoa individual.

Antes de iniciar com a análise merece marcarmos o contexto no qual a necessidade do presente plano de acção se enquadra e a base que sustenta a sua forma final é justificada. Este contexto é formado por três elementos:

A Missão e estratégia global da Mundukide pode ser caracterizada como segue:

- Temos como objectivo principal contribuir à melhora equitativa e sustentável das condições de vida gerais da população dos distritos nos quais estamos a trabalhar.
- Dentro das muitas coisas necessárias para melhorar as condições de vida, concentra-mos nossos esforços em apoiar à população a lograrem um melhor acesso aos recursos económicos (alimentação, dinheiro...)
- E a estratégia seleccionada para isso é apoiar à população para a melhora das suas capacidades técnicas em matérias produtivas, gerências, organizativas e associativas para a actividade agro-pecuária (hortícola, cabritos, fruteiras...), comercial e empresarial mediante acções de melhora integral assistidos pelas iniciativas e instituições locais adequadas.

No objectivo geral da Mundukide define-se claramente que temos o objectivo de contribuir "...à melhora equitativa e sustentável das condições de vida gerais da população dos distritos nos quais estamos a trabalhar." Quer dizer:

- Queremos que a maioria da população possa melhorar as suas condições de vida; não umas poucas pessoas, mas a maioria.
- Queremos que a melhoria seja equitativa, quer dizer, que não beneficie só (ou principalmente) a um grupo, sejam muçulmanos ou cristãos, jovens ou velhos, os de esta ou aquela aldeia, homens ou mulheres. Queremos que pessoas de toda condição participem dessa melhoria.
- Pelo tanto queremos que tanto as mulheres como os homens participem dessa melhoria.

Na vida do dia-a-dia nos distritos nos quais trabalhamos, vê-se muito claramente a relação desigual de poder entre homens e mulheres. Vê-se no nível de educação, no acesso ao

dinheiro, na forma que falam entre eles mulheres e homens, na violência, nas oportunidades e viajar e conhecer outras realidades, no acesso às instituições formais e informais, e noutras mil facetas da vida. Que nestes distritos as mulheres sofrem injustiças simplesmente por serem mulheres não se discute. É óbvio e inegável. Pode se discutir um detalhe ou outro, mas em termos globais é uma grande verdade.

Considerando esta realidade é claro que se queremos que tanto homens como mulheres melhorem a sua situação e beneficiem do trabalho que a Mundukide realiza, é necessário tomar uma atitude activa na matéria de iniquidade de género.

Como já se referiu que a situação actual é muito injusta é inegável e que isso não tem porque ser assim e pode se mudar, também é verdade. O assunto é como? O quê pode cada actor social fazer que verdadeira e efectivamente ajude a melhorar a situação? O quê pode cada um fazer não para inglês ver ou para nos sentir auto-satisfeitos mas para realmente ajudar de forma concreta? No nosso caso, como pode a Mundukide actuar na realidade concreta de Niassa e Cabo Delgado sem aplicar automaticamente receitas pré-cozinhas noutros contextos?

Antes de ultimar este apartado, é preciso destacar que esta situação de injustiça nas relações entre mulheres e homens se enquadra num contexto geral também terrivelmente injusto no qual a pratica totalidade da população rural de Niassa e Cabo Delgado vê-se obrigada a viver em condições de pobreza muito severa que se reflecte nas duríssimas condições de vida, na precária alimentação, nas doenças, na curta demais esperança de vida, na falta de canais para fazer ouvir a sua voz, na falta de oportunidades, no eterno sentimento de ser menos do que outros, etc.

Estamos a trabalhar num dois lugares do mundo com um menor índice de desenvolvimento humano e isso já é uma terrível injustiça. A nossa missão principal é como já se referiu no início deste apartado apoiar os esforços da população para melhorar a sua actividade produtivo comercial para assim melhorar suas condições de vida no geral.

É esse desafio que este documento pretende encarar: Definir as linhas de trabalho que a Mundukide pode implementar no contexto de sua missão e estratégia geral, desde seu conhecimento da realidade local, suas fortalezas e limitações, para contribuir a diminuir essa situação actual de injustiça nas relações entre mulheres e homens.

2 Análise

Autonomia económica das mulheres

Este é um ponto fundamental. As mulheres querem dinheiro. E o querem por duas razões:

Primeiro, porque todo o mundo o quer. Não devemos esquecer que em Niassa e Cabo Delgado a grande maioria da população rural vive em pobreza extrema. Mesmo no século XXI a maioria da famílias rurais não vê 5.000MZN em todo o ano! Quer dizer menos de 20MZN por pessoa e semana! Isso é extremadamente grave, porque a gente não gosta comer sem óleo, nem gosta de dormir sem colchão nem manta, nem gosta de fazer 10km a pé para tratar um assunto qualquer; nem gosta de uma casa que chove, etc. Provavelmente a pobreza económica é a maior reivindicação da população rural. Para quem tem é difícil perceber todo o que significa não ter. Critica-se que as pessoas não levam as crianças logo que adoecem no hospital; mas fazer 10km a pé custa, é há muito trabalho por fazer e ainda são extremadamente poucos os que tem uma motorizada; critica-se que falta educação cívica mas quando a gente tem tão pouco até as pilhas para a rádio é preciso economizar; critica-se que a gente não ferve a água mas a maioria das vezes quem critica tem gás ou electricidade em casa; Critica-se que as pessoas casam jovens, mas qual é a alternativa onde não existe o emprego e duas mãos não chegam para todo o serviço que é preciso fazer? etc. O dinheiro (mesmo que fosse o equivalente dum mísero salário mínimo) ajudaria a diminuir muitíssimo muitas destas dificuldades.

Segundo, porque a grande maioria das mulheres tem menor acesso ao dinheiro que os homens o qual as coloca numa situação de dependência económica. Ninguém gosta de ter de pedir a outra pessoa para comprar roupa, nem depender de um terceiro para poder ajudar um familiar. Ninguém gosta não ser livre para tomar suas decisões. Não podemos esquecer que o

dinheiro influencia enormemente as relações, nas só de género. Influencia as relações entre os governos que recebem ajuda e os governos que “dão” a ajuda; influencia as relações entre a gente da cidade e a gente da área rural; influencia as relações entre o “patrão” e o “empregado”. O governo que recebe ajuda e o empregado, o que precisam para se libertar não é tanto auto-consciência como de meios reais e concretos para não precisar pedir mais. Evidentemente as mulheres teriam muito a ganhar se tivessem maior acesso ao dinheiro e menor dependência do marido nesse sentido. A predominância dos homens na esfera económica é um dos factores principais que sustentam a sua posição dominante nas interações com as mulheres. Se as mulheres tivessem recursos económicos próprios, isso debilitaria essa posição de dominação actual do homem. Elas sabem disso e é por isso que querem ter seu dinheiro próprio, para não estar a pedir ao marido cada vez que querem alguma coisa. E eles também sabem disso e é por isso que alguns homens vão até o extremo de não informar à mulher do dinheiro que está a entrar em casa.

É preciso ver que a falta de recursos próprios pode ser um factor decisivo na hora de uma mulher analisar se dar fim ou não a uma relação. Quer dizer a possessão ou falta da mesma de recursos económicos próprios vira ainda, mais importante, de facto vira totalmente crítica, nos casos de relações abusivas (violência, desprezo, etc.)

Mas como conseguir que as mulheres tenham mais recursos económicos?

Nota: Estamos a procurar uma estratégia que possa ajudar à maioria das mulheres nas áreas rurais de Niassa e Cabo Delgado. Estamos a pensar em mulheres de entre os 15 e os 60 anos, com muitíssimo pouca educação formal, com muita pouca exposição a realidades externas ou diferentes daquela da vida na aleia, com muita pouca experiência em qualquer outra actividade produtiva que não seja a agricultura, com uma média de 6-7 crianças, dentre as quais uma ou duas de curta idade, a maioria casadas, a viver em comunidades pequenas, geograficamente isoladas, com muito pouco acesso a meios de transporte mecanizado e praticamente nenhum a outro tipo de maquinaria, em ambientes profundamente rurais.

Então, quais podem ser as melhores opções para que um numero importante de essas mulheres (não só as super heroínas, mas também aquelas que não possuem uma força, coragem, iniciativa, etc. extraordinárias) possam melhorar seus próprios recursos económicos?

De entre as diversas actividades produtivo comerciais que o programa tem promovido nestes mais de 10 anos as hortas verificam-se como uma das mais idóneas para ajudar a essas mulheres a obterem seus próprios recursos económicos. Isto por varias razões:

- É uma actividade agrícola, quer disser não é estranha para a maioria das mulheres, que já praticam a agricultura habitualmente. Só precisa complementar seus conhecimentos actuais e ter acesso a alguns meios de trabalho novos. Mas não implica dominar habilidades totalmente novas, nem reorganizar toda sua vida quotidiana.
- Pratica-se na época seca na qual as mulheres tem algo mais de disponibilidade de tempo. Porque na época chuvosa (Novembro-Abril) já tem muitíssimo trabalho e é complicado acrescentar novas actividades nesse período.
- São produtos de duplo uso (alimentar e económico) ante os quais as mulheres já sentem uma grande preferência.
- É um produto que pode se vender localmente na mesma aldeia ou na sede. Isto é uma facilidade importante porque as viagens são especialmente difíceis para elas. E também é importante que não precisa carregar sacos e sacos na cabeça ou na bicicleta até um ponto de compra.
- É um produto que se vende não numa única vez mas em fracções, um pouco de cada vez. Isto é importante porque facilita que a mulher possa reter esse dinheiro e usar como ela ache.
- E finalmente de entre todas as actividades agrícolas de Niassa e Cabo Delgado é com diferença a mais rentável.

Todo isto não é para dizer que a mulher não deve realizar produtos sem uso alimentar que se vendem de uma única vez como o tabaco. Pode e deve fazer tudo o que lhe interesse. Só que as hortas apresentam menos dificuldades no caminho do que outras culturas. E se queremos uma estratégia que ajude a maioria, quantos menos obstáculos no caminho melhor.

Mas se as hortas é uma coisa tão boa porque não estão já a maioria das mulheres a fazer?

Em primeiro lugar, porque nos distritos onde estamos a trabalhar é uma novidade. Os quatro distritos tinham uma produção de hortícolas em irrigação nula quando a Mundukide começou a trabalhar neles. E ainda a maior parte da população (homens e mulheres) não a pratica. Mas mais uma vez, elas a praticam ainda menos que os homens. Por quê?

As hortas apresentam duas dificuldades gerais tanto para homens como para mulheres, mas em ambos casos as dificuldades são mais grandes para as mulheres do que para os homens:

- A primeira dificuldade é a disponibilidade de dinheiro para semente e adubo. Efectivamente, a horta é uma actividade muito rentável economicamente, mas precisa de pelo menos um pouco de capital inicial para comprar esses insumos (coisa que não acontece com o gergelim ou o arroz por exemplo). Isto é uma dificuldade para homens e para mulheres, mas como elas tem em termos comparativos menos acesso a dinheiro, isto é uma dificuldade ainda maior para elas.
- A segunda dificuldade (mas a de maior importância) é o acesso a irrigação. Isto é uma dificuldade importante. Terra é uma coisa e terra irrigada é outra. As dificuldades são três:
 - Ter acesso a um pedaço de terra da beira dum rio (não esquecer que mesmo que Moçambique é grande, os bons lugares perto das aldeias já estão divididos)
 - A capacidade técnica e de trabalho de construir uma barragem
 - A capacidade financeira para comprar uma motobomba e gasolina para complementar a barragem, já que muitas delas não suportam até o fim da campanha

As três dificuldades são maiores para elas do que para eles, porque:

- Na hora de dividir a terra na beira dos rios é comum que eles sejam dados preferência sobre elas
- Porque na prática e na realidade local para elas é mais difícil construir uma barragem. Não porque fisiologicamente não possam fazer esse trabalho. Poder podem, mas na prática para muitas vai ser uma dificuldade muito difícil de superar, com o que só aquelas mais fortes, não só fisicamente, mas também mentalmente (mais arriscadas, com menos medo, mais independentes, com mais experiência previa...), conseguiram fazê-lo.
- Porque elas costumam ter menor acesso a dinheiro do que os homens para comprar a motobomba ou a gasolina

Se de alguma maneira conseguíssemos apoiar especificamente às mulheres nessas duas dificuldades (fazer algum tipo de acção positiva) poderíamos conseguir que muitas mulheres mesmo não sendo extraordinárias pudessem iniciar uma actividade que é viável dentro das condicionantes da sua vida e poder-lhes-ia ajudar muito a ganhar maior autonomia económica.

Para a parte das sementes o programa já aplica uma discriminação positiva a favor das mulheres, entregando crédito em condições que para os homens não entrega. Já fazemos e provavelmente podemos fazer ainda mais.

O assunto da irrigação é que é mais complicado, porque até agora a política do programa foi que os produtores deviam construir as barragens por seus meios, simplesmente com a orientação técnica dos instrutores. Mas esta estratégia está a se mostrar insuficiente para lograr uma incorporação massiva de mulheres às hortas. Achemos que aqui é preciso dar um passo mais, com a construção directamente por parte do programa de barragens para mulheres. A ideia seria falar de este problema da falta de acesso a terra irrigada por parte das mulheres com a comunidade, garantindo uma boa participação das rainhas e as mulheres no geral, e negociar a entrega dum terreno irrigável e suficientemente grande para acomodar a um número elevado de mulheres (10-20 há) de forma que o programa construa uma barragem e possa alocar parcelas posteriormente as mulheres da comunidade.

Julgamos que desta maneira poderia ser dar um grande salto e conseguir que não só as mulheres de corpo ou carácter mais forte tivessem a oportunidade de fazer horta mas o resto também. E traves da horta poderiam conseguir um rendimento que lhes facilitasse uma maior autonomia e menor dependência.

A gestão do dinheiro

A nossa experiência quotidiana amostra-nos também que não chega com elas trabalhar para conseguir dinheiro; sabemos que não está garantido que sejam elas a gerir esse dinheiro. O

que tem há ver principalmente com hábitos culturais. Seria bom complementar a criação de oportunidades económicas para as mulheres com alguma outra acção que aumente seu controle efectivo sobre o rendimento obtido.

Uma primeira possibilidade seria organizar hortas só de mulheres. Desta forma poderiam se apoiar entre elas e se defender; também seria mais fácil para a mulher manter certa “discrição” sobre o que tem ou não tem; o que espera ganhar ou não. Seria mais fácil para ela evitar o intervencionismo do marido.

Uma segunda possibilidade seria ajudar a elas a abrir conta bancária. Efectivamente para a mulher é especialmente difícil guardar dinheiro em casa e evitar que o marido se apodere dele. Não só, todos sabemos que a forma correcta de rejeitar um pedido de dinheiro dum familiar ou amigo é afirmando que não temos dinheiro para lhe dar. Não se diz: “tenho mas não quero lhe dar”; se diz “sinto muito mas não tenho”. Evidentemente o facto de guardar o dinheiro no banco facilitaria muito esta alternativa para as mulheres, que de outra forma podem encontrar muito difícil resistir a pedidos do marido ou outros familiares. Evidentemente para isso é preciso que estejam a ganhar um dinheiro que merece de conta bancária; quer dizer esta acção teria sentido na medida que as mulheres estão a conseguir ganhar por exemplo 10.000MZN ou mais; não merece abrir conta se a pessoa só tem uma horta de 50MZN. Mas ai voltamos ao problema de como conseguir fazer uma horta de pelo menos 1.000 m²: como conseguir os insumos e onde conseguir uma parcela irrigada dessa medida.

Uma terceira possibilidade complementaria com as anteriores seria trocar experiências com outras mulheres que maior experiência na gestão do dinheiro. E isso pode se encontrar entre as mulheres comerciantes de Lichinga, entre as associações de crédito de Nampula, etc. Neste caso seria importante que fossem mulheres a viver num contexto semelhante (como já se faz com os instrutores). Neste caso também estas trocas terão maior valor quanto maior seja o rendimento das mulheres; quer dizer de pouco serve explicar a uma pessoa como gerir dinheiro quando nem tem nem está a ver ter dinheiro nas mãos. Esses conselhos servem quando a pessoa vê que já está no caminho de ter e precisa agora tomar algumas decisões para não o deixar estragar.

As relações abusivas

É conhecido que a violência e o abuso no geral é relativamente frequente nos casais. No País tem-se feito um esforço por criar uma legislação que enfrente esta situação, mas dita legislação tem uns limites na sua eficácia. Os limites que vamos a destacar aqui são dois:

- A primeira é a grande dificuldade das mulheres nas áreas rurais para dispor de recursos económicos próprios. E a falta de recursos económicos próprios é uma grande dificuldade para poder findar um relacionamento destrutivo. Não só nas relações de género. Porque suporta um empregado as ofensas do seu patrão? Porque suporta um país pobre as imposições dos doadores? Porque suporta uma mulher o marido bêbado? A lógica é exactamente a mesma. Sem uma via de saída, sem uma alternativa, mesmo a saber que a situação actual é má, injusta, destrutiva... como fazer? Na medida que o empregado tenha uma possibilidade de negócio próprio, que o país tem sua própria riqueza, que a esposa tenha seus meios para comprar uma casa, sal e óleo; então, na medida que isso acontece, hão-de começar a responder, e o dia que sua inesgotável paciência finalmente esgotar, hão-de sair pela porta e começar construir a sua vida sem aquelas pessoas que as faziam sofrer toda hora. Mas sem essas alternativas, é incrível quanto pode suportar uma pessoa.
- O segundo obstáculo e o carácter “moderno ou urbano” das leis, que não se adaptam bem a realidade rural. Porque as leis, em previsão de que a parte abusada possa não ter seus próprios recursos económicos estabelece normas a regular por exemplo a separação de bens ou a pensão de alimentos. Mas como se aplicar essas medidas quando não há nada (ou quase nada) para dividir ou quando o pai não tem nem salário nem outras receitas regulares? Nesses casos o quê oferece a lei à parte abusada?

Por todo isso a estratégia fundamental é a de facilitar que as mulheres possam ter suas receitas próprias, suas alternativas para não depender do marido. Mas para isso não chega com ganhar 500MZN numa horta de quintal; na realidade rural de Niassa e Cabo Delgado, é

preciso pensar em pelo menos 5.000 ou 10.000MZN. Com esse dinheiro a mulher poderá começar a ter a capacidade de avaliar se merece ou não continuar esse casamento.

E desde a missão do programa, podemos fazer um forte contributo para que um número cada vez maior de mulheres tenha recursos próprios suficientes para poder sair de relações lesivas. A produção é o ponto forte do programa e neste sentido pode ser posto a disposição clara de fins de justiça de género. No nosso contexto mesmo que não são muitas conhecemos algumas mulheres com poder e autoridade, mulheres às quais mesmo os homens têm bom cuidado de tratar com todo o respeito.

Todas elas são mulheres com seus recursos económicos próprios (comerciantes, empresarias ou políticas) que não dependeram nem dependem dos homens a sua volta para fazer e desfazer. É essa capacidade económica que lhes dá a posição para não serem abusadas de qualquer maneira. O assunto é como pode o programa ajudar para não só as mulheres de qualidades extraordinárias (como são essas que conhecemos) podem chegar a gozar duma situação de segurança suficiente. E achamos que a disposição de recursos económicos próprios (ganhados por uma mesma) é uma peça fundamentalíssima e achamos também que para essa maioria silenciosa de mulheres camponesas mães de seis crianças a horticultura é a melhor opção neste momento para começar a ter esse dinheiro próprio que nunca tiveram e achamos que podemos fazer algo para ajudar a elas a superar as principais dificuldades que encontram nesse caminho: falta de terra irrigada e falta de experiência na gestão do dinheiro.

3 Plano de Acção

Em base da análise prévia achamos que o programa pode fazer um contributo para que um grande número de mulheres possa contar com recursos económicos suficientes para:

- Diminuir sua situação actual de pobreza asfixiante
- Diminuir sua situação actual de dependência económica vis a vis os homens da família e lhe dar uma maior controle sobre a sua própria vida
- Lhe dar os meios suficientes para nos casos de abuso pode se libertar de relações lesivas

A proposta para conseguir o objecto acima referido é formada por um conjunto de iniciativas que achamos podem ajudar a enfrentar as três questões identificadas:

- O programa construir barragens para grupos de mulheres com apoio específico:
 - Debater a situação da mulher na comunidade, analisar o interessa delas também ter seu dinheiro e fazer hortas, visualizar as dificuldades especiais que elas enfrentam para ter acesso à irrigação.
 - Lograr que a comunidade ofereça um terreno irrigável suficientemente amplo onde o programa possa construir uma barragem para as mulheres poderem trabalhar suas parcelas.
 - Complementar o acesso a irrigação com acesso a crédito para semente e adubo.
 - Desta forma ultrapassaríamos o obstáculo principal que tem as mulheres para poder iniciar uma actividade de rendimento via as hortas.

Desta forma não só, seria possível elas trabalhar parcelas suficientemente grandes para obter um rendimento que melhore visivelmente sua situação (actualmente a maior parte das mulheres que temos nas hortas fazem hortas muito pequenas), também favorecer-se-ia a criação de relações de auto-ajuda entre as mulheres não só no trabalho do dia a dia (pode você regar minhas bacias hoje ou não estou a me sentir bem) mas também ajudaria a se defender de possíveis tentativas de abuso de terceiros (“Você, diga-me, quantos canteiros tem a minha mulher?” “Não sei”)

- O programa facilitar à abertura de contas bancárias as mulheres
 - O facto de poder guardar o dinheiro fora da casa melhoraria muito o controlo da mulher sobre seu rendimento. É uma forma prática e fácil de guardar o dinheiro e ninguém precisa saber quanto você tem.
 - A recente abertura do BCI em Marrupa faz disto uma possibilidade real e temos boa colaboração com o banco; eles estariam prontos a ajudar.
 - Insistir mais uma vez que isto é interessante uma vez elas comecem a ter um dinheiro que merece duma conta bancária.

Por enquanto esta acção é interessante principalmente para Marrupa e Montepuez, mas é previsível que uma vez cheque a electricidade em Balama se abra banco (dentro dos próximos 3-4 anos?). Em Majune a possibilidade de banco é ainda muito distante.

- O programa facilitar a troca e experiências entre as mulheres de Marrupa e mulheres de outros lugares com um maior nível de autonomia
 - A considerar que para muitas mulheres será a primeira vez que começam a mexer com algum dinheiro e que isto pode (e deve) provocar mudanças nas relações dentro do lar, seria interessante elas poderem conhecer a experiencia de outras mulheres que já passaram por esse processo. Isso pode se fazer por exemplo com mulheres de Lichinga e Nampula e seria um bom complemento das duas acções previas.

Temos muita experiência na organização de trocas de experiência entre produtores com no geral bons resultados, podemos prever que para as mulheres que nunca mexeram com dinheiro pode ser altamente interessante e motivante o contacto com outras mulheres camponesas como elas que conhecem bem o quê é mexer com dinheiro.

- Finalmente em todas as fases na medida da sua eficácia potencia o uso das rádios comunitárias, o contacto com mulheres em posições de liderança na comunidade (rainhas, professoras, OMM...)

4 Recursos

Não podemos cair no voluntarismo de pensar que é possível sempre fazer cada vez mais com os mesmos recursos. Para este Plano de Acção ter resultados visíveis será necessário obter primeiro os recursos necessários.

Os recursos necessários são fundamentalmente dois: pessoas e dinheiro.

- No que se refere aos fundos, serão precisos fundos relativamente importantes para a construção das referidas infra-estruturas de irrigação.
- Mas o recurso mais crítico será pessoas. O tipo de trabalho que fazemos na Mundukide é muito intensivo em contacto estreito com os participantes e a organização de grupos, o debate nas aldeias, a organização dos grupos, a construção de consensos nas aldeias, a obtenção de áreas nas beiras dos rios, a regularização dos mesmos em coordenação com as autoridades oficiais, o desenho técnico das infra-estruturas, a sua construção e a mobilização necessária para sua exploração plena uma vez construídas; tudo isso vai exigir muito trabalho, não um pouco. E vai exigir fazer um esforço sério na captação de pessoas, formação, integração e coordenação (além dos fundos para sua manutenção). Este pode ser o principal desafio que encontremos para realizar o presente plano de acção.

Neste sentido o primeiro passo será realizar umas poucas experiências piloto para depois de realizar a sua avaliação e devidos ajustes iniciar a procura de fundos necessários para a aplicação deste plano de acção numa escala significativa.

Marrupa

15-09-2014